

A construção da oposição entre Lamarck e Darwin: o caso de um estudo de 1911 sobre a relação de Nietzsche com as teorias biológicas de sua época¹

Wilson Antonio Frezzatti Jr.²

Introdução

O senso comum tem consagrado uma oposição completa entre as teorias evolucionistas de Jean-Baptiste Lamarck e de Charles Darwin. A teoria do biólogo francês seria errada e o biólogo inglês teria conseguido produzir a correta explicação da evolução. Seus conceitos, portanto, seriam totalmente distintos. Essa concepção tem sido repetida há longo tempo pelos textos de divulgação científica e até mesmo pelos livros didáticos de Biologia. Essa oposição foi utilizada, em fins do século XIX e início do século XX, para classificar autores que escreviam sobre a evolução. Mesmo pensadores que não eram cientistas ou biólogos eram classificados numa ou noutra corrente, sendo elogiados ou criticados segundo a preferência evolucionista do comentador. Parece-nos que este é o caso de um texto de 1911 sobre Nietzsche: *Nietzsche et les theories biologiques contemporaines*, de Claire Richter³. Este é o tema de nosso trabalho: através da análise de Richter do pensamento nietzschiano sobre a evolução, colocar à luz quais conceitos eram considerados propriamente darwinianos e quais eram vistos como propriamente lamarckianos.

No entanto, uma leitura atenta dos textos de Darwin mostra que o naturalista inglês utiliza conceitos também presentes no pensamento de

¹ Este trabalho é resultado de estágio pós-doutoral na França, suportado pelo convênio CAPES-COFECUB.

² Professor de Filosofia da UNIOESTE. Coordenador do Grupo de Pesquisa “Filosofia, Ciência e Natureza na Alemanha do século XIX” (UNIOESTE) e do GT-Nietzsche (ANPOF). Membro do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN-USP).

³ Richter (1909, p. 5-30) aponta Lamarck como um dos precursores do monismo. A autora acusa Darwin de ter sido injusto com Lamarck em seus textos: após ter deturpado as noções lamarckistas, o biólogo inglês, no fim da vida, teria cada vez mais se aproximado do lamarckismo, o que permitiria dizer que haveria um “lamarckismo darwiniano” (idem p. 6).

Lamarck. Há um conjunto comum de noções entre os dois biólogos que já aparece na primeira edição de *A origem das espécies* (1859). Não estamos com isso querendo dizer que não há diferenças entre as teorias dos dois autores, elas existem e são determinantes⁴. Porém, queremos apontar a presença de interesses não-científicos ou pseudo-científicos na tentativa de se fazer um corte radical entre o darwinismo e o lamarckismo.

Aspectos lamarckistas no pensamento de Darwin

Darwin não teceu palavras muito elogiosas sobre Lamarck: “As obras de Lamarck em toda parte me parecem extremamente pobres; não tiro delas um fato nem uma idéia” (Darwin apud Le Dantec 1899, p. 7). Em uma carta a Joseph Hooker (10 de setembro de 1845), Darwin afirma: “ele [Lamarck], em seu livro absurdo, apesar de brilhante, causou prejuízos a esse assunto, tal como fez o Sr. Vestígios [Robert Chambers, autor anônimo de *Vestiges of the natural history of creation*, 1844]” (Darwin 2000, p. 148). Apesar desses discursos, alguns aspectos da teoria de Lamarck estão presentes em *A origem das espécies* de 1859. O uniformitarismo, o gradualismo, o papel do hábito na fixação de características e a questão das lacunas na seqüência das espécies também aproximam os dois biólogos, mas principalmente a noção de uso e desuso, considerada uma das principais características do lamarckismo. O biólogo inglês enumera várias prováveis causas da variação: uso e desuso de certas estruturas, intercruzamento de espécies, a ação direta das condições de vida sobre o sistema reprodutor, correlação de crescimento (a alteração de uma parte provoca mudanças em outras partes relacionadas), etc. (cf. Darwin 1985, p. 71-100, 101-113, 173-204 e s.d., p. 910). A ação direta do ambiente (condições externas e alimentação) é considerada ser muito pequena na produção de modificações, mas “hábitos na produção de diferenças constitucionais, uso no fortalecimento e desuso no enfraquecimento e diminuição de órgãos parecem ter sido mais potentes em seus efeitos” (Darwin 1985, p. 202). Darwin tem, no bojo de sua teoria da evolução, uma das noções consideradas mais características do lamarckismo.

⁴ Para a distinção entre o programa darwiniano variacional e o programa lamarckiano transformacional, cf. Caponi 2005. Cf. também Mayr 1998, p. 401-402.

Lamarckismo e darwinismo no pensamento de Nietzsche

Os comentadores de Nietzsche têm identificado em seus textos tanto elementos darwinistas quanto elementos lamarckistas. Charles Andler aponta um duplo registro no pensamento evolucionista do filósofo alemão: Nietzsche seria lamarckista no que se refere à evolução biológica e darwinista no que se refere ao desenvolvimento da moral (cf. Andler 1958, t. I p. 467-475 e t. III p. 111s).

Dennett propõe que Nietzsche, ao lado de Thomas Hobbes e Darwin, teria sido um dos primeiros sociobiólogos, porque suas teorias sobre o nascimento da moral integram cultura e biologia (cf. Dennett 1998, p. 483-489). A contribuição mais importante do filósofo alemão à biologia social, segundo o autor, é a sua constante aplicação de uma das idéias fundamentais do próprio Darwin ao reino da evolução cultural, ou seja, não deduzir da situação de algo no passado a sua função ou seu significado atual. A idéia nietzschiana da imposição de uma nova perspectiva ou tábua de valores em decorrência do surgimento de uma nova hierarquia de impulsos é aproximada à visão de Darwin sobre a morfologia de um órgão e sua função. Para Dennett, o filósofo alemão, apesar de seus ataques ao naturalista inglês, escreveu em *Genealogia da moral* uma das primeiras e mais sutis investigações darwinistas sobre a evolução da moral.

Em um trabalho anterior, nós mostramos a dificuldade de se classificar Nietzsche como darwinista, já que o termo assume vários significados (cf. Frezzatti 2001, p. 27-59). Os comentadores geralmente não explicitam exatamente o que querem dizer quando afirmam que Nietzsche é darwinista, sendo comum utilizarem darwinismo simplesmente como sinônimo de evolucionismo. Optamos por compreender as críticas nietzschianas contra Darwin a partir do que o próprio filósofo entendia por darwinismo. Embora o lamarckismo não tenha sido objeto de nosso estudo anterior, acreditamos que a situação não deve ser muito distinta. Neste trabalho, apresentaremos quais as características Richter acredita serem lamarckistas nos textos nietzschianos e tentar entender o motivo de sua distinção entre características darwinianas e lamarckianas.

A análise de Richter (1911) acerca das teorias evolutivas na obra de Nietzsche

Na introdução de *Nietzsche e as teorias biológicas contemporâneas* (1911), Richter declara que, em seus dias, a Biologia já teria feito uma distinção nítida entre a Teoria da descendência (Lamarck) e a Teoria da seleção (Darwin). No entanto, o grande público e os comentadores de Nietzsche ainda não teriam atingido essa distinção: eles chamam de darwinismo um lamarckismo acrescido da seleção natural (cf. Richter 1911, p. 7-8). O objetivo da autora é mostrar a impropriedade de se considerar Nietzsche um darwinista. Ao admitir que Nietzsche não leu os próprios textos de Darwin e de Lamarck, ela propõe tentar traçar na obra nietzschiana uma “lamarckismo semi-inconsciente” (idem, p. 9), isto é, Nietzsche seria lamarckista sem saber. Para isso, Richter terá que definir claramente a diferença entre o darwinismo e o lamarckismo e compará-los com as noções presentes no texto nietzschiano.

Em cada capítulo do livro, Richter vai analisar em Nietzsche um aspecto sobre a evolução que pode colocá-lo ao lado de Darwin ou Lamarck: o evolucionismo e a teoria da descendência (capítulo I), a adaptação ao meio (capítulo II), a hereditariedade dos caracteres adquiridos (capítulo III), a luta pela existência (capítulo IV), a seleção natural e artificial (capítulo V), a seleção sexual (capítulo VI), a teoria das mutações de De Vries (capítulo VII) e o além-do-homem (capítulo VIII).

Sem muita razão, Richter conclui de algumas referências nietzschianas à evolução que: “as numerosas passagens em que se manifesta o evolucionismo de Nietzsche nos autorizam a considerá-lo discípulo, embora semi-inconsciente, de Lamarck” (idem, p. 71). Sua estratégia foi aproximar Nietzsche dos lamarckistas e mostrar que a maior parte das vezes que o filósofo alemão citava as idéias de Darwin ou dos darwinistas era para criticá-las ou, quando concordava com elas, Lamarck as teria enunciado antes. Esse foi o caso da origem simiesca do homem: segundo Richter, Lamarck havia

falado dela antes de Darwin (cf. idem, p. 61). Neste capítulo, a semi-inconsciência do lamarckismo de Nietzsche é atribuída a uma confusão: o filósofo consideraria a evolução uma idéia darwinista (cf. idem, p. 70).

Richter considera que a Biologia de sua época baseia-se, em grande parte, na teoria da adaptação. A seleção natural seria apenas uma teoria secundária: os melhores adaptados sobrevivem (cf. Richter 1911, p. 75). A importância da adaptação já teria sido reconhecida por Lamarck, que a associa à ação direta do meio ambiente sobre os seres vivos. E Nietzsche também aceitaria essa influência, como, por exemplo, no fragmento póstumo 11 [210] da primavera-outono 1881: “Os inorgânicos nos *condicionam* totalmente: água, luz, solo, tipo de solo, eletricidade, etc. Nós somos plantas em tais condições”. Aqui, a autora aproxima o filósofo alemão do neolamarckista Roux: adaptação funcional e ação do uso e desuso (cf. idem, p. 84-92). Outros autores também teriam contribuído para a noção nietzschiana de adaptação: Herbert Spencer e Georg Heinrich Schneider (*A vontade humana*, 1882). Nietzsche aceitaria a combinação que Spencer faz entre adaptação e seleção natural, embora rejeite a idéia spenceriana de adaptação completa, pois esta levaria a um apequenamento da humanidade, o que contraria sua doutrina da vontade de potência. Conclusão de Richter para o segundo capítulo: quando o filósofo alemão advoga a adaptação, ela é apresentada de acordo com os lamarckistas (cf. Richter 1911, p. 93).

Atingimos, na questão da hereditariedade dos caracteres adquiridos, um ponto importante para entendermos os pressupostos de Richter. Ao considerar que Nietzsche dava grande importância à hereditariedade, discute no terceiro capítulo a transmissão das características intelectuais, morais, artísticas e aquelas ligadas ao gênio. A autora dá grande destaque a esses aspectos e, embora mostre que Nietzsche oscilava na questão da hereditariedade, acaba por concluir que: “Estamos, portanto, autorizados a considerar Nietzsche como partidário da teoria da hereditariedade dos caracteres adquiridos e a declará-lo devido a isso discípulo de Lamarck” (Richter 1911, p. 112). Além disso, afirma que a teoria da hereditariedade de Darwin em *A variação dos animais e das plantas domesticados* é, na verdade, lamarckista. Há um grau elevado de certeza que Nietzsche tenha lido esse

livro, mas, para Richter, essa leitura não o fez conhecer o darwinismo, já que essa obra estaria impregnada de lamarckismo: transmissão dos caracteres adquiridos (cf. idem, p. 8).

Nos três primeiros capítulos do livro, Richter abordou temas considerados lamarckianos; nos próximos três, a discussão focará temas atribuídos às teorias de Darwin. No caso da luta pela existência, Nietzsche critica Darwin e propõe a luta entre impulsos por mais potência, a luta por dominação⁵. Para o filósofo alemão, a luta pela existência darwiniana assume apenas o caráter da conservação do mesmo, fechando os olhos para a vida enquanto processo de superação contínua. A luta se dá por crescimento de potência e por abundância e não para se manter na vida e pela escassez de recursos. Por seguir a luta das partes de Roux e por rejeitar, como Rolph, a luta pela existência na construção de sua teoria da vontade de potência, Nietzsche é visto por Richter como antidarwinista e antimalthusiano (cf. Richter 1911, p. 131).

Nietzsche, segundo Richter, teria cometido dois equívocos com relação à seleção natural de Darwin. O primeiro refere-se ao caráter progressista da noção evolucionista do próprio biólogo inglês⁶. O filósofo alemão atribuiu a Darwin uma seleção progressiva talvez devido à sua leitura de *Teoria da descendência e darwinismo (1873)* de Oscar Schmidt, o qual considerava a evolução por seleção natural como progressista (cf. Richter 1911, p. 137). O segundo equívoco teria sido confundir Spencer e Darwin. Spencer era progressista e não Darwin, e, além disso, Herbert Spencer era um grande crítico da seleção natural, como o próprio Nietzsche. O filósofo alemão, igualmente ao autor de *Introdução à ciência social*, considerava o cristianismo e a compaixão como entraves à seleção. Richter destaca que, apesar de Nietzsche rejeitar a seleção natural e não aceitar que os processos culturais e educacionais (seleção artificial) tenham um caráter definitivo, ele propunha processos seletivos que visavam à produção dos melhores (cf. Richter 1911, p. 157), sendo o sofrimento o meio mais eficaz para isso. Ao considerar o mal

⁵ Sobre a concepção de luta em Nietzsche e sua crítica contra a luta pela existência de Darwin, cf. Frezzatti 2001, p. 61-91.

⁶ Sobre a noção de progresso em Darwin, cf. Frezzatti 2001, p. 106-112.

como meio indispensável para seleção, Nietzsche, para Richter, acredita se opor a H. Spencer, mas, na verdade, o inglês também pensaria o mesmo (cf. idem, 158-159). A conclusão deste capítulo é que, apesar das passagens em que o filósofo alemão critica a seleção natural, Nietzsche deve ser contado entre “os selecionistas mais resolutos e fervorosos” (idem, p. 166)⁷. Embora Richter não explicita isso, fica muito claro na leitura do texto que ela quer aproximar o filósofo alemão de H. Spencer, apesar das críticas que o próprio Nietzsche desfere contra ele. Dessa forma, Richter o afasta de Darwin, já que Spencer era um conhecido crítico da seleção natural.

A rejeição nietzschiana contra a seleção sexual de Darwin é suportada por Richter através principalmente dos textos acerca do casamento e das relações sexuais: como o neolamarckista Rütimayer, Nietzsche não aceita a escolha do mais belo macho pela fêmea, pois o impulso sexual busca expansão máxima e não limitação. Entretanto, no casamento, o instinto sexual deveria ser bem direcionado (cf. fragmento póstumo 4 [81] verão 1880). Além disso, o objetivo da procriação deveria ser o de preparar uma vida vitoriosa e preparar a elevação da humanidade (cf. Richter 1911, p. 181-184). Richter conclui que Nietzsche transforma a seleção sexual de Darwin e insiste numa aplicação rigorosa dela (cf. idem, p. 185). No entanto, o filósofo alemão seguiria os passos do biólogo inglês apenas aparentemente, pois, na realidade, a noção de seleção sexual não foi criada por ele, mas por seu avô Erasmus Darwin (cf. idem, p. 169 e 185).

No sétimo capítulo, Richter tenta mostrar que a noção nietzschiana de além-do-homem está mais próxima da evolução lenta de Lamarck do que uma mutação rápida do tipo proposto por De Vries (cf. Richter 1911, p. 189). Claire Richter conclui que Nietzsche, provavelmente influenciado por Rolph e Nägeli, admite, ao lado das variações lentas e graduais, as variações bruscas, mas apenas como exceções. Ou seja, Nietzsche estaria mais uma vez próximo do transformismo gradualista de Lamarck (cf. idem, p. 199).

Em seu último capítulo (*Le “surhumain” et le transformisme*), Richter vai

⁷ Sobre o equívoco da aproximação de Nietzsche com o eugenismo, cf. Frezzatti 2001, p. 135-137.

analisar um conceito propriamente nietzschiano e compará-lo com as teorias biológicas evolucionistas: o além-do-homem (*der Übermensch*). A autora vai considerar o além-do-homem uma nova espécie e a etapa final de um longo e lento processo de evolução (transformismo). As formas intermediárias seriam a aristocracia (uma nova variedade) e a raça européia pura (uma nova raça). Dessa forma, as noções de variedade, raça e espécie, segundo a autora, desempenhariam importante papel na filosofia nietzschiana, embora tanto em Nietzsche quanto na Biologia eles sejam vagos (cf. Richter 1911, p, 206). O caráter essencial do transformismo é a lentidão⁸, e, por considerar essa lentidão, o filósofo alemão teria pensado, segundo Richter (1911, p. 210), na existência de estágios intermediários entre o homem e o além-do-homem: as fases de variedade (aristocracia), raça (europeu puro) e espécie (além-do-homem). Na interpretação de Richter, a escravidão é necessária para a manutenção da cultura elevada e da aristocracia, e, dessa nobreza, nascerá uma nova raça: a raça européia pura, os “homens superiores” (cf. idem, p, 214-217). Os “bons europeus” seriam, assim, uma preparação para essa raça, matriz do além-do-homem (cf. idem, p. 218-229). Nietzsche teria apontado a existência na história de raças puras: os gregos, os romanos e os judeus (a mais forte e tenaz). Enquanto essas raças permaneceram puras, a raça européia necessita ser purificada: para Richter, é esse processo que Nietzsche quer acelerar. A alegria de Zaratustra seria uma característica não existente nas raças puras anteriores, mas própria dos europeus puros: a alegria intelectual. Napoleão, Goethe, Beethoven, Stendhal, Henri Heine e Schopenhauer seriam prenúncios da raça pura européia. Conclusão da autora: a evolução nietzschiana do homem para o além-do-homem e as suas fases intermediárias são análogas à evolução de qualquer outro ser vivo, e essa idéia está em consonância com a concepção do desenvolvimento lento e gradual da matéria viva (transformismo), que é uma idéia fundamentalmente lamarckiana.

Na conclusão geral do texto, Richter vai afirmar que o lamarckismo de Nietzsche é muito pronunciado (cf. Richter, 1911, p. 233-235). O filósofo alemão seria um lamarckista “semi-inconsciente”, e os motivos apontados

⁸ A nosso ver, Richter despreza o gradualismo darwinista porque ela o considera tributário do gradualismo lamarckista.

explicitamente pela autora são três: 1. Embora Nietzsche negue a noção de progresso, a noção nietzschiana de além-do-homem seria uma consequência direta da teoria lamarckista da evolução progressiva; 2. Nietzsche aceitaria a origem simiesca do homem; e 3. O filósofo alemão aceitaria, implicitamente e explicitamente, as teorias fundamentais do lamarckismo: a adaptação ao meio (direta e funcional) e a hereditariedade dos caracteres adquiridos. A influência de Darwin estaria restrita ao selecionismo nietzschiano, de fundamental importância, pois trataria do destino da humanidade.

Sendo assim, como explicar os excertos nietzschianos contra Darwin e Lamarck, e mesmo contra todas as teorias biológicas? A explicação, para Richter, é patológica (cf. Richter 1911, p.235-236). Essas críticas teriam sido escritas numa época em que o seu ceticismo e o seu niilismo estavam extremados, o que seria sintoma de desorganização do pensamento, talvez ligado a uma desorganização química do cérebro.

Conclusão: Por que classificar Nietzsche como lamarckista?

Por que Richter tenta mostrar a presença, mesmo inconsciente, de um lamarckismo em Nietzsche? Seus esforços são, por vezes, até mesmo claramente grosseiros e forçados. Ela não só desqualifica o darwinismo nos textos nietzschianos, mas desqualifica o próprio pensamento de Darwin, pois considera algumas noções darwinianas como já presentes em Lamarck ou Erasmus Darwin. A chave da questão está, para nós, na diferença que a autora faz entre seleção natural e a herança dos caracteres adquiridos e na relação que ela estabelece entre essas noções e o eugenismo. A seleção natural e a herança dos caracteres adquiridos definem claramente, para Richter, as teorias darwinistas e lamarckistas, respectivamente.

O modo que Richter trata, nos textos nietzschianos, a seleção e o além-do-homem mostram seu objetivo: transformar Nietzsche num dos principais e primeiros defensores do eugenismo. No capítulo sobre a seleção sexual, a autora relaciona o filósofo alemão diretamente com o pensamento eugenista

(cf. Richter 1911, p. 178-184). O selecionismo nietzschiano teria tido influência na Inglaterra e nos Estados Unidos, e a idéia da preparação de uma vida gloriosa pelo controle da procriação – segundo Richter, uma proposta nietzschiana – seria o objetivo da “grande sociedade inglesa” Eugenics Society (idem, p. 181). O texto *Herança e seleção na vida dos povos* (*Vererbung und Auslese im Lebenslauf der Völker*, 1903), de Wilhelm Schallmeyer, teria se apoiado no pensamento nietzschiano. Haveria analogias entre as propostas eugenistas de Nietzsche e aquelas dos franceses Georges Vacher de Lapouge e Joseph Arthur de Gobineau. A autora atribui a Nietzsche outra idéia presente nos autores eugenistas ou racistas que defendem uma sociedade ao mesmo tempo natural e racional: a necessidade da escravidão para manutenção de uma cultura elevada.

Essa era, portanto, uma forte imagem que estava associada a Nietzsche no início do século XX: uma grande inteligência, até mesmo um gênio, que estava preocupado com o melhoramento da humanidade. Alguns, e entre eles Richter, consideravam-no como um pioneiro do eugenismo, e a autora deixa transparecer em seu livro um entusiasmo pelas idéias eugenistas. Assim, parece-nos que a distinção de Richter entre lamarckismo e darwinismo e o seu esforço em mostrar que o pensamento de Nietzsche é lamarckista está a serviço da divulgação de idéias eugenistas. A herança dos caracteres adquiridos, por sua relativa rapidez em alterar os seres vivos, pode embasar e justificar ações educativas e sociais para melhoria da raça, ou seja, o eugenismo. Além de menor tempo, a opção lamarckista possibilitaria uma melhor previsão do resultado. A seleção natural, por sua vez, associada ao gradualismo e à aleatoriedade darwinianos, dificultaria o estabelecimento de programas de melhoramento da espécie. Esse quadro também explica por que a autora insiste em que Darwin aceita a herança dos caracteres adquiridos.

Faltaria entendermos por que Richter considera importante associar o nome de Nietzsche ao eugenismo. O motivo não é difícil de ver se considerarmos a “moda Nietzsche” que tomou conta dos salões parisienses entre o fim do século XIX e 1910.

Referências Bibliográficas

ANDLER, Charles. *Nietzsche - sa vie et sa pensée*. Paris: Gallimard, 1958. 3 v.

CAPONI, Gustavo. O darwinismo e seu outro, a teoria transformacional da evolução. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 3, n. 2, 2005. p. 233-242.

DARWIN, Charles Robert. *The origin of species*. 17th edition. London: Penguin, 1985.

_____. *The origin of species and The descent of man and selection in relation to sex*. New York: The Modern Library, s.d.

_____. *As cartas de Charles Darwin: uma seleta, 1825-1859*. F. Burkhardt (ed.) Tradução: V. Ribeiro. São Paulo: UNESP / Cambridge University Press, 2000.

DENNETT, Daniel C. *A perigosa idéia de Darwin: a evolução e os significados da vida*. Tradução de T. M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FREZZATTI Jr., Wilson A. *Nietzsche contra Darwin*. São Paulo/Ijuí: Discurso/UNIJUÍ, 2001.

LE DANTEC, Félix. *Lamarckiens et darwiniens, discussion de quelques théories sur la formation des espèces*. Paris: F. Alcan, 1899.

MAYR, Ernst. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Tradução: I. Martinazzo. Brasília: UnB, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgab*. G. Colli und M. Montinari (Hg). Berlin: Walter de Gruyter, 1999. 15 Bd

RICHTER, Claire. *Le monisme de Lamarck*. Paris: [s.n.], 1909.

_____. *Nietzsche et les theories biologiques contemporaines*. 2e ed. Paris: Mercure de France, 1911.